

DESENHOS: ENTRE AS MÃOS E O MOUSE**Maria do Rosário de Fátima Rodrigues**

rosariopsi@uol.com.br

Maria Aparecida de Faria Gomes

cidafariagomes@gmail.com

Alexandre Pereira de Carvalho

alexandrecarvalhopsi@hotmail.com

Andrea Maria Pereira Furtado

andreampfurtado@hotmail.com

Jéssica de Cássia Vilela Teixeira da Silva

jessicassia@hotmail.com

Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, Unileste.

RESUMO

Objetivou-se analisar a produção de desenhos por meio de atividades: informatizada de aprendizagem e com lápis e papel, tendo como participantes alunos da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais, com idades entre 14 e 19 anos. O instrumento foi o ambiente informatizado A Bela Adormecida. As produções revelaram que houve o exercício das funções psicológicas superiores, tais como, percepção dos estilos, a escolha deles e a memória para retomá-los, trazendo-os para uma representação própria. Os desenhos permitiram aos alunos a organização da experiência vivenciada de uma forma estética, além de ter se constituído como uma expressão lúdica e criativa.

Palavras-chave: Desenhos. Funções psicológicas superiores. Estética.

ABSTRACT

This study relates to the contribution of psychology, in a context of linguistic development of children with special educative necessities, with focus on the representation, through drawings. The drawing, in general, facilitates the investigation about the development of children in the cognitive and affective aspects, among others, besides making it easy the identification of children's social and cultural background. It was our intention to analyze the production of drawings through activities: electronic learning and with pencil and paper, having as participants students of Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais, with ages between 14 and 19. The instrument was the computerized background A Bela Adormecida (The Sleeping Beauty). The productions revealed that there happened the exercise of superior psychological functions, such as, perception of styles, the choice of them and the memory to retake them, bringing them to a self representation. The drawings allowed the students to organize the experience lived in an aesthetic shape, besides being constituted as a playful and creative expression.

Key words: Drawings; Superior Psychological Functions; Aesthetic.

1. INTRODUÇÃO

Num dia chuvoso da década de 1880 – ou pelo menos assim se conta – um italiano de nome Corrado Ricci correu buscando abrigo em uma viela coberta. Enquanto esperava a chuva amainar, uns rabiscos na parede atraíram sua atenção. Viu alguns desenhos encantadores e um tanto desajeitados que qualquer pessoa reconheceria como feitos por mão infantil. Até aí nada de novo, exceto que Ricci, intrigado pelos desenhos, começou a cogitar sobre o que havia de tão especial neles que os tornava tão diferentes da arte convencional dos adultos. Assim começaram seu interesse e estudo da arte infantil. Embora não tenha sido ele a primeira pessoa a levar a sério o assunto, foi seu libreto *A Arte das Crianças Pequenas*, publicado em 1887, que deflagrou o interesse pelo desenho infantil (COX, 2001, p. 2).

O presente estudo se relaciona à contribuição da psicologia, em contexto de desenvolvimento linguístico de crianças com necessidades educativas especiais, com foco na representação, por meio do desenho.

O desenho é uma técnica útil e muito utilizada em pesquisas com crianças (DELVAL, 2002), em diferentes temáticas e contextos. Grubits (2003) menciona que o desenho, de modo geral, favorece investigações sobre o desenvolvimento infantil nos aspectos cognitivos e afetivos, dentre outros, além de favorecer a identificação de aspectos sociais e culturais do meio ambiente das crianças.

Como exemplo de uma investigação sobre o desenvolvimento infantil em seu aspecto afetivo, os desenhos de uma criança hospitalizada, realizados em sessões de psicoterapia, foram analisados por Souza, Camargo e Bulgacov (2003), à luz da teoria histórico-cultural. Os resultados evidenciaram que o desenho é um dos meios utilizados pela criança para expressar sua vivência emocional. Essa parece ser a característica mais popularmente conhecida do trabalho de um psicólogo com desenhos, em um psicodiagnóstico.

Quanto à identificação de aspectos do meio ambiente das crianças, pode-se citar trabalho de educação ambiental, exemplificado em Goldberg, Yunes e Freitas (2005) que, a partir da abordagem ecológica do desenvolvimento humano, utilizaram desenhos como expressão criativa da percepção dos ambientes habitados, ressaltando a importância desses como ferramenta da arte-educação.

Por último, na identificação de aspectos culturais do meio ambiente das crianças, tem-se como exemplo a pesquisa de Grubits (2003) sobre a identidade de crianças, mediante o desenho da casa como revelador da organização de alguns grupos indígenas.

Na perspectiva desses trabalhos, o desenho estaria articulando temas como emoções, percepções e identidade, em contextos diferentes de psicoterapia, arte-educação e cultura indígena, respectivamente. Dessa forma, o desenho foi a representação que permitiu investigar o conhecimento decorrente dessas interações, a partir de abordagem teóricas diferentes.

Especificamente, em se tratando de trabalhos voltados para pessoas com deficiências, em estudo realizado para avaliar a formação da imagem mental de crianças portadoras de paralisia cerebral, Cassis e Francisquetti (2007) observaram que as representações artísticas estimulam a representação da imagem mental infantil. A formação dessa, ocorre devido ao

desenvolvimento de fatores como a maturação, as interações sociais, a experiência física e a percepção visual. Nesse sentido, a contação de histórias, as representações através de objetos e desenhos, favorecem a expansão do pensamento, dos valores e de sentimentos. As atividades artísticas permitem que as crianças organizem suas emoções, desejos e fantasias, além de ser uma forma lúdica e criativa que permite a expressão por meio da linguagem não verbal. As autoras utilizaram a história de “Alice no País das Maravilhas” contada em várias sessões e representada através de objetos. Segundo elas, a representação favoreceu a imaginação e a expressão pessoal. Ao final do estudo relataram que as crianças participantes criaram imagens mentais, porém de forma mais lenta devido à paralisia cerebral. Concluíram que a contação de histórias e o desenho contribuíram, por meio das associações realizadas com os personagens da narrativa, um entendimento de que é possível superar os obstáculos, mesmo com as dificuldades vivenciadas no cotidiano, principalmente relacionado à deficiência. O uso de objetos concretos durante a história permite melhor compreensão e maior retenção da sequência da narrativa e o desenho se mostrou como uma ferramenta útil para entender o imaginário infantil, além de estimular a percepção visual.

Segundo Freitas e Anastasiou (2009), o desenho é amplamente empregado no ensino da arte, e tem no âmbito artístico um importante papel. É uma atividade fortemente conectada com a imaginação. No ato de desenhar está implícita uma conversa entre o pensar e o fazer, entre o que está dentro e o que está fora. A percepção e a sensibilidade são as janelas para o mundo que possibilitam a troca entre os processos internos e externos. No ato de desenhar há referências ao cotidiano, alusões à fantasia, lembranças, recriação, significações, interpretações, que possibilitam a elaboração de correspondências entre o real, a percepção e o imaginário. Enquanto processo de produção, o desenho traz à tona figurações, fantasias e imaginação que representam o real possível, elaborado pelas vivências da criança, que é socialmente constituída. A linguagem possibilita a atribuição de significados aos desenhos, e esse processo é sociocultural: ninguém pinta, desenha ou molda aquilo que vê, mas o que aprendeu a ver e que, assim, passa a conhecer. A livre expressão da criança depende das oportunidades proporcionadas pelo meio e, ao mesmo tempo, amplia as possibilidades dela para interagir com esse mesmo meio. Entretanto, o desenho não deve ser compreendido como mera atividade escolar, ou aptidão pessoal para a arte. Trata-se de um diálogo permanente entre a criança e o mundo, uma constante busca de comunicabilidade e inteligibilidade.

As autoras ressaltam que o ensino da arte, com crianças com necessidades educativas especiais, está relacionado a uma proposta alicerçada na interação social, partindo-se da premissa de que o desenho possibilita a criação de espaços de interação sócio-cultural, sendo fundamental no ensino da arte quando se pensa na inclusão de crianças com necessidades especiais. Ao desenhar, a criança comunica o que apreendeu da realidade, e esse processo permite conhecê-la, bem como possibilita a ela o conhecimento do outro, do meio, da sociedade. O ensino de artes visuais nas escolas deve ser um espaço onde as interações ocorram de modo espontâneo, sem cerceamentos. Não é fácil criar e, nesse sentido, o ensino e a pesquisa deveriam contemplar essa questão, expressa em valores, sentimentos e critérios que não sejam alheios à realidade das crianças, considerando a identidade e a diferença, consistindo em despertar na criança aquilo que ela já possui dentro de si, ajudando-a a evoluir e a orientar o seu desenvolvimento, contemplando assim possibilidades de construção, desconstrução e reconstrução, tal como ocorre na arte.

Um número cada vez maior de pessoas com necessidades especiais estão envolvidas em atividades artísticas, em várias áreas. Nesse caso, mais do que proporcionar a inclusão social, essa é uma maneira de inserir no cotidiano questões de cidadania, pois ainda existe uma

crença que considera essas pessoas no âmbito do assistencialismo. De acordo com Freitas e Anastasiou (2009), a educação inclusiva só tem sentido se tiver projeção na estrutura social, integrando discursos que vão muito além do âmbito educacional.

Assim, é possível pensar na arte como caminho para fortalecer a integração da escola com o que se passa além dos seus muros: uma realidade social, que ainda exclui, muito mais do que inclui.

A partir da concepção esboçada, relativa à importância dos desenhos enquanto meio de representação, apresenta-se uma situação de elaboração de desenhos. Essa consiste em um ambiente virtual de aprendizagem para trabalhar os movimentos da pintura (cubista, impressionista, expressionista e surrealista), por meio do clássico *A bela adormecida*.

Existem várias versões do clássico: uma delas é *A Bela Adormecida do Bosque*. Nessa, acontece o casamento e o casal enfrenta dificuldades antes de chegar ao final feliz. O número de fadas é 7. Em outra versão o nome da história é *Rosa Silvestre*. No final a *Bela Adormecida* é acordada pelo beijo do príncipe. O número de fadas é 13. Por meio dessas versões consegue-se perceber a importância das fadas. As fadas que abençoam ou não um recém-nascido, por terem ou não sido convidadas para uma festa, aparecem em muitos contos, além da história da *Bela Adormecida*. As Fadas, nas histórias míticas ou infantis, trazem para o recém-nascido os presentes necessários para seu desenvolvimento cultural.

A atividade proposta inicia-se a partir da seguinte questão: Se a *Bela Adormecida* nascesse hoje, quais presentes as fadas lhe dariam para que ela pudesse crescer e ser feliz? A partir daí são apresentadas quatro flores nos estilos cubista, impressionista, expressionista e surrealista e o usuário é convidado a escolher uma flor dentre os estilos para desenhar e presentear a *Bela adormecida* na história.

No estilo cubista há valorização das formas geométricas: cilindro, retângulos, quadrados, esferas. As cores são sérias tais como o branco, preto, cinza, marrom, ocre e amarelo, e o desenho é parecido com escultura. No impressionismo há valorização da luz solar; até as sombras devem ser luminosas e coloridas. As cores são puras e separadas, e o desenho sem contornos. No estilo expressionista há valorização da expressão dos sentimentos tais como o amor, medo, ciúme e a solidão, e as cores são vibrantes como vermelho, amarelo, laranja e verde. O desenho é distorcido ou exagerado. No surrealismo valoriza-se o subconsciente, sonhos e a imaginação. As cores são fortes ou apagadas e estão ligadas aos sentimentos. O desenho é irreal, seja na forma, tamanho, textura ou constituição (RODRIGUES, 2004).

A proposta dessa atividade já foi apresentada em dois eventos acadêmicos: um de arte-educação (GOMES; RODRIGUES, 2009) e outro de educação e psicologia (GOMES; RODRIGUES, 2010). No primeiro, os estudos giraram entorno das possibilidades de ascensão cultural por meio da arte e no segundo focaram o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Tais estudos motivaram a aplicação dessa atividade em um contexto de educação especial, com a finalidade de favorecer o desenvolvimento dos processos de expressão e representação e, concomitantemente, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

As funções psicológicas superiores como a percepção, memória, pensamento, inteligência, se desenvolvem na relação com o meio sociocultural e mediadas por signos, também entendido como símbolo. O símbolo acumula uma carga de significados processados social e

historicamente, a qual influi na nossa vida psíquica. Está ligado ao conhecimento dos conteúdos do inconsciente, mas também ao estudo das culturas, da arte e das religiões (MALANGA, 2004). O desenvolvimento mental, a capacidade de conhecer o mundo e de nele atuar é uma construção social que depende das relações que o homem estabelece com o meio em que vive. O desenvolvimento dessas funções não se deriva linearmente, a partir de funções elementares, mas são formadas em situações específicas, na vida social, por meio dos processos de internalização, mediante o uso de instrumentos. Assim sendo, a formação da percepção, memória, pensamento e inteligência, ocorre a partir da atividade do aprendiz, com ajuda de ferramentas socioculturais. Desse modo, os instrumentos de mediação simbólica são uma fonte de desenvolvimento e também de reorganização do funcionamento psicológico como um todo.

As operações com signos surgem como resultado de um processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Isso sugere que o uso dos signos pelas crianças não está associado apenas a sua imaginação ou a um ensinamento de um adulto, mas sim a uma série de ações que possibilitaram o seu desenvolvimento. Cada atividade realizada interfere na capacidade de realização de uma ação futura, e está repleta de um aprendizado anterior. Assim, as funções psicológicas superiores surgem como resultado de um processo dialético que se desenvolve a partir de estágios. A memória é uma das funções centrais no início da infância devido ao fato da criança lembrar para pensar, o que cria uma conexão entre memória e pensamento. A memória se torna uma ferramenta essencial para unir elementos passados com ações presentes. Nos primeiros estágios, a memória chega a ter importância mais acentuada do que o pensamento abstrato. Porém, na adolescência ocorre uma inversão: lembrar significa pensar, pois a memória está impregnada de lógica, o que faz com que o processo de lembrar se estabeleça com relações lógicas. Durante as atividades realizadas pelas crianças, a fala passa a ser um fator de grande importância na resolução de problemas, contribuindo no planejamento e na execução de tarefas (VYGOSTSKY, 1989).

A partir dos conceitos apresentados, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a produção de desenhos em duas situações: por meio de uma atividade informatizada de aprendizagem que compõe o CD ROM Recontando Histórias (GOMES; RODRIGUES, 2005) e na sala de aula com lápis e papel. Teve como objetivos específicos ressaltar a importância da imaginação e potencial da expressão do desenho como importante ferramenta na construção de conhecimentos; favorecer a formação da sensibilidade, criatividade e capacidade de transcendência.

2 METODOLOGIA

2.1 Participantes

Participaram do estudo todos os alunos de uma classe especial da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais, em fase de transição para o ensino regular, com idades entre 14 e 19 anos. Todos os alunos que participaram estavam autorizados pelos pais ou responsáveis, com assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

.De acordo com a professora os diagnósticos clínicos dos alunos são relativos à encefalopatia crônica, deficiência mental, síndrome do X frágil e síndrome de Down.

A encefalopatia crônica não progressiva é uma das formas de definir a paralisia cerebral. Ela é caracterizada pelo déficit motor não progressivo do sistema nervoso central com

deficiências associadas. Esse déficit motor é um componente de uma síndrome de lesão cerebral mais ampla, podendo incluir além da disfunção neuromotora, a disfunção psicológica, ataques e transtornos comportamentais de origem orgânica (LEWIS, 1995). A paralisia cerebral acontece devido às lesões neurológicas ocorridas no período pré, peri e pós natal, podendo acarretar danos intelectuais, deficiências motoras ou epilepsia. Os danos causados ao cérebro não são progressivos. Estima-se que tais lesões ocorram em seis casos a cada mil nascimentos, e podem acarretar déficits neuromotores e mentais (PETEA; MURATA, 2000).

O conceito de deficiência mental tem sido revisado devido à dificuldade de diagnóstico. Uma medida utilizada durante muitos anos como parâmetro na definição é o quociente de inteligência. Segundo essa medida, essa deficiência é classificada entre leve, moderada e profunda. Inclui vários sintomas como dificuldade do aprendizado e comprometimento do comportamento.

A síndrome do X frágil é proveniente de uma alteração do cromossomo X, conhecido como o sítio frágil. É uma patologia que se apresenta mais frequentemente entre homens do que mulheres, podendo variar de leve a grave, se caracterizando por déficits cognitivos e comportamentais (SADOCK; SADOCK, 2007).

A síndrome de Down é caracterizada pelo excesso de material genético proveniente do cromossomo 21. A pessoa com síndrome de Down possui um cromossomo a mais em suas células, que se acrescenta ao par de número 21 (DANIELSKI, 2001).

2.2 Instrumento e material

O ambiente informatizado A Bela Adormecida.

Equipamentos: computadores com *driver* leitor de *Pen Drive* e *CD-ROM*, editor de desenhos e editor de textos e tecnologias convergentes à Internet.

Papel A4 e lápis de cor.

2.3 Procedimento

A coleta de dados foi realizada da seguinte forma:

A história “A Bela Adormecida”, dos Irmãos Grimm, foi contada por meio de fantoches e houve um grande envolvimento dos participantes. Após a contação o clássico foi explorado em sala de aula.

A partir daí, foram propostas duas atividades:

A primeira envolveu o ambiente informatizado, onde foram apresentadas quatro flores nos estilos cubista, impressionista, expressionista e surrealista. O aluno foi convidado a escolher uma flor, dentre os estilos, para desenhar e presentear a Bela adormecida na história.

Em um segundo momento, em sala de aula, os alunos desenharam a flor, ilustrando a história da Bela adormecida.

3 RESULTADOS

As produções realizadas pelos alunos, nas duas situações, podem ser visualizadas nas FIG.1 e FIG.2, respectivamente.

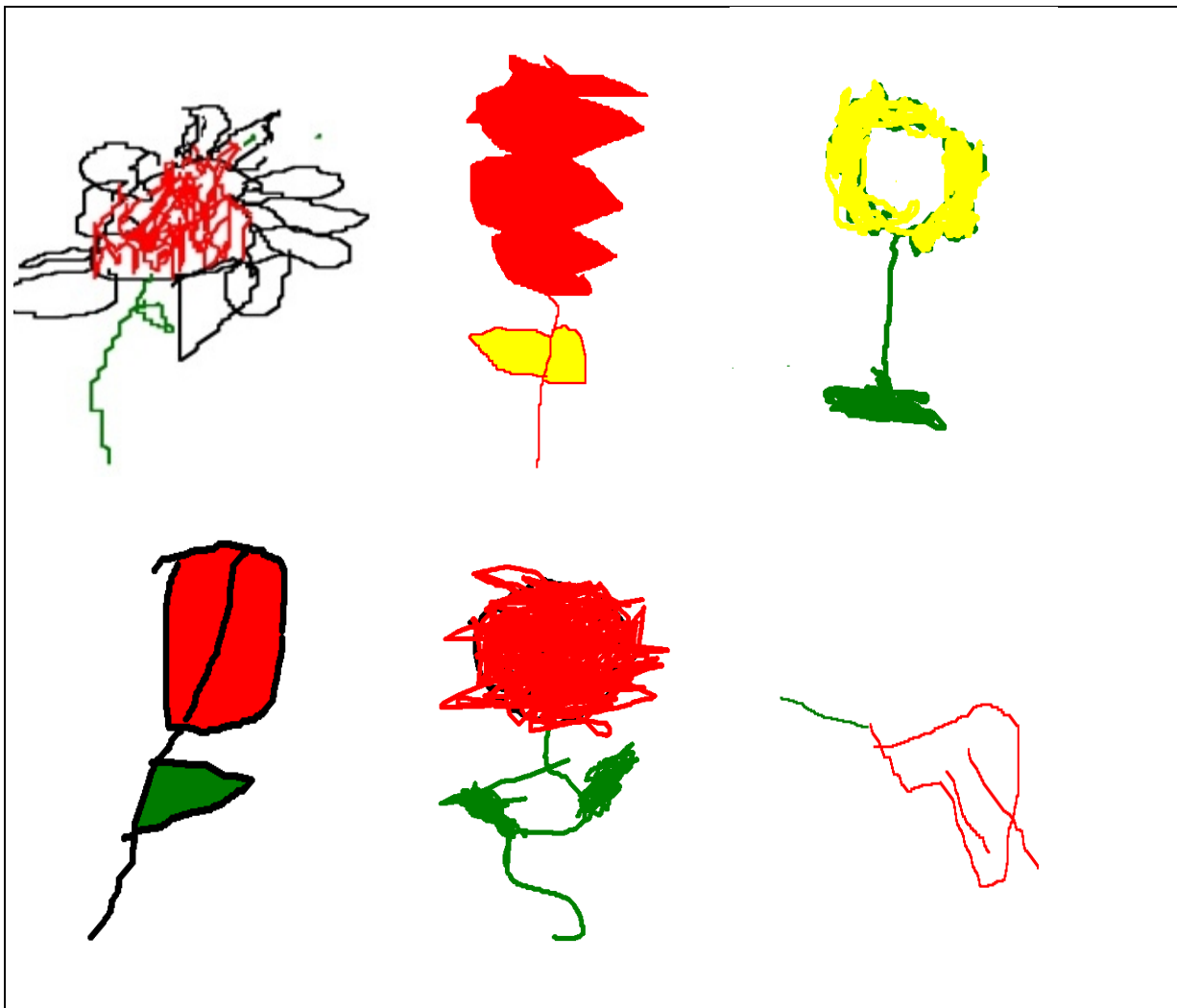


Figura 1- Desenhos realizados pelos alunos no computador

De acordo com a Figura 1 observa-se que três alunos escolheram o estilo expressionista, dois, o estilo cubista e um dos desenhos não apresenta características de nenhum dos estilos propostos na atividade.



Figura 2- Desenhos realizados pelos alunos no papel.

Na FIG. 2 estão representados os desenhos de cinco alunos, que recontaram a história por meio das imagens e trouxeram novamente a flor para o cenário, seja na mão do príncipe, da Bela e no jardim.

4. DISCUSSÕES

As flores desenhadas, na primeira situação de produção, revelaram que houve identificação com os estilos expressionista e cubista. No expressionismo há valorização da expressão dos sentimentos e as cores são vibrantes, tais como as cores dos desenhos: vermelho, verde e amarelo. A valorização das formas geométricas e das cores puras e separadas, características do cubismo, foi apresentada nos desenhos que utilizaram retângulos e triângulos e as cores próprias do estilo.

Assim como os pintores expressionistas e cubistas produziram obras com base em suas emoções, sentimentos e simplificação das formas, observou-se, no contato com esses alunos, que a atividade se constituiu como uma oportunidade da expressão de escolhas e conteúdos emocionais, sendo importante, possivelmente, para conhecer, nomear, organizar e regular as emoções. Segundo Souza, Camargo e Bulgacov (2003) as atividades que permitem a expressão, tais como desenho e dramatização, entre outras, são mediações que possibilitam a objetivação e a materialização das imagens criadas sobre as emoções. Como visto, a maioria dos desenhos tem formas e curvas definidas, somente um parece rabisco solto no editor de imagem. Entretanto, todos, provavelmente, estão sinalizando imagens internas que foram objetivadas como meio de atender a tarefa proposta.

Nos desenhos das flores, no editor de textos, foi possível identificar elementos do ambiente informatizado como expressão criativa e não como cópia, mesmo utilizando-se de modelos. Considera-se que os momentos de atividade artística, além de oferecerem oportunidade de expressão, são um meio importante para o desenvolvimento da criatividade. Entretanto, percebe-se no sistema educacional certa relutância em permitir, no campo artístico, o direcionamento da tarefa, como se os modelos se transformassem em estereótipos, impedindo a elaboração do aprendiz, de soluções para as suas produções. Porém, ressalta-se que desenhar não é simplesmente uma expressão espontânea; é necessária exposição a técnicas e modelos construídos pela cultura no decorrer da história humana.

Um dos aspectos revelados também, nessa atividade, é o importante papel da arte. Segundo Freitas e Anastasiou (2009) a arte é fortemente conectada com a imaginação, a percepção e a sensibilidade, como se fossem janelas que permitem a troca entre o mundo interno e externo. Os modelos estão no exterior, os quais é preciso observar, perceber, e do lado de dentro encontra-se a riqueza interior do aprendiz, suas funções psicológicas; o que, junto, produz a exteriorização, em um movimento dialético. Quando nos encontramos diante de uma página em branco, informatizada ou no papel, instaura-se um tempo e um espaço fora do real que é rico em sensações. Nesse contexto, a arte começa com a expressão, passando pela elaboração, até chegar no encontro com o outro. Trata-se de uma sensibilidade partilhada, não somente entre o artista e o público, mas também com os estilos produzidos e cultivados em determinadas épocas. Nesse caso, as atividades artísticas, em contexto de educação inclusiva, só têm sentido se tiverem projeção na estrutura social. Para além da expressão, arte é conhecimento. Como em qualquer campo, é preciso conhecer o passado para entender o presente. Mas, de maneira geral, os alunos, principalmente de escola especial, têm pouca informação sobre a arte. Sem esses conhecimentos eles ficam sem contato com o encantamento, gerado pela contemplação da beleza, e à parte do processo de criação estética.

As representações gráficas dos alunos, relacionadas à história da Bela Adormecida, foram elaboradas também em sala de aula. Ali, os participantes realizaram desenhos interessantes que constituiu um rico cenário. O aumento da sensibilidade à história é visível. A análise da

produção coletiva permite afirmar que, com o exercício das flores, os desenhos posteriores trouxeram ilustrações do que foi apreendido na atividade. Cada aluno recontou a história por meio das imagens, destacando aspectos que lhe chamaram atenção. Alguns colocaram as flores na mão do príncipe, da Bela ou no jardim.

Nessa situação específica, com informações e reconstrução de significados, acredita-se que houve o exercício das funções psicológicas superiores, visto a série de ações, tais como, percepção dos estilos, a escolha deles, e a memória para retomá-los, trazendo-os para uma representação própria. Segundo Vygotsky (1989), a memória é uma ferramenta essencial para unir elementos passados e ações presentes, possibilitando a resolução de problemas, o que cria uma conexão com o pensamento. Sobre esse aspecto, é interessante observar que eles buscaram imagens relativas ao conto, que não estavam à disposição como modelo e conseguiram representar a história por meio dos desenhos. Novamente aconteceu a identificação por meio da escolha dos personagens e a retomada da flor, em uma demonstração das funções psicológicas superiores, tais como a percepção, memória, pensamento e inteligência.

Nessa atividade que integrou a contação de história, utilização do computador e desenho manual, pode-se pensar tal como apontado por Cassis e Francisquetti (2007), que as representações foram favorecidas por esses meios e provavelmente influenciaram na expansão do pensamento, de valores e sentimentos, estimulando a representação da imagem mental por meio do desenho. Acredita-se ainda que os desenhos permitiram aos alunos a organização da experiência vivenciada de uma forma estética, além de ter se constituído como uma expressão lúdica e criativa.

Tratou-se de uma atividade simbólica, considerando o símbolo como algo que acumula significados, processados social e historicamente, influenciando na nossa vida psíquica. Considerando que o desenvolvimento mental é uma construção social, esse depende das relações estabelecidas no contexto, em situações específicas na vida social, por meio dos processos de internalização e mediante o uso de instrumentos. Assim, as referidas situações de produção de desenhos podem ser consideradas como favoráveis à expressão, aplicadas em uma situação pedagógica concreta que se serviu, além do lápis e do papel, do computador como uma ferramenta de aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desse estudo acredita-se que, a intervenção a partir do exercício das habilidades artísticas, em contexto de classe especial, contribuiu para o desenvolvimento dos alunos, pois estimulou a imaginação e permitiu a expansão dos significados, partilhados na interação social.

A pesquisa apontou o papel do desenho como um recurso que favorece outras manifestações simbólicas, seja nos contextos terapêuticos ou pedagógicos. No contexto terapêutico, o desenho pode ser um recurso que possibilita o desenvolvimento da linguagem, a constituição da subjetividade e a construção de conhecimentos, principalmente para pessoas que apresentam dificuldades ou limitações nas esferas de atividade simbólica. No contexto pedagógico, o desenho pode se constituir como uma atividade de construção de conhecimentos que mobiliza manifestações cognitivas, afetivas, sociais, físicas e perceptivas.

A limitação desse trabalho, no curto prazo da sua realização, foi a pouca exploração dos recursos do ambiente informatizado, pois os alunos demonstraram gostar de utilizar os computadores e esse ambiente beneficia os que têm problemas motores, se a utilização do lápis for um fator limitante. Acredita-se que a verbalização das histórias, que foram representadas através dos desenhos, deveria ser mais estimulada; o que poderia contribuir no exercício da memória e possivelmente influenciar na capacidade deles em recontar uma história em outras situações.

Diante dessas percepções, torna-se promissora a ampliação da pesquisa sobre situações promotoras do desenvolvimento das manifestações simbólicas, exercitando as funções psicológicas superiores. Nesse contexto, o ambiente informatizado parece ajudar os alunos na realização das atividades. Assim, essas intervenções, na sala de educação especial, tornam-se interessantes para o desenvolvimento das habilidades artísticas, valorizando o desenho como uma forma de expressão e comunicação.

REFERÊNCIAS

CASSIS, L.; FRANCISQUETTI, A. A.; Avaliação da imagem mental em crianças portadoras de paralisia cerebral através da história de “Alice no País das Maravilhas”. **Arquivos Brasileiros de Paralisia Cerebral**, v.15, n. 89/90, Nov./Dez/2006 Jan/Fev. 2007. Editora Memnon Edições Científicas. Disponível em: <http://www.ip.usp.br/laboratorios/lapa/versaoportugues/2c42a.pdf>. Acesso: em 22 fev. 2011.

COX, M. **Desenho da criança**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DANIELSKI, V. **Síndrome de Down: uma contribuição à habilitação da criança Down**. Tradução de Jeanne Borgerth Duarte Rangel. 2ª. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2001.

DELVAL, J. **Introdução à prática do método clínico**. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FREITAS, N. K.; ANASTASIOU, H. P.. Desenho e inclusão socioeducativa: diálogos com a arte. In: VI FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE, Curitiba. **Anais**. Escola de Música e Belas Artes do Paraná. 2008-2009. Disponível em: <http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/Forum/anais-vi/08HeleneAnastasioueNeliFreitas.pdf>. Acesso: em 21 fev. 2011.

GOLDBERG, L. G.; YUNES, M. A. M.; FREITAS, J. V. de. O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 10, n. 1, abr. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000100012&lng=en&nrm=iso. Acesso: em 13 maio 2010.

GOMES, M. A. F.; RODRIGUES, M.R.F. **Recontando Histórias** [CD-ROM], 2005.

GOMES, M. A. F.; RODRIGUES, M. R. F.. Bela Adormecida: tecnologia para o acesso cultural. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO E CARIBENHO DE ARTE/EDUCAÇÃO, 2009, Belo Horizonte. **Concepções Contemporâneas da Arte/Educação**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. p.13.

GOMES, M. A. F.; RODRIGUES, M. R. F. Bela Adormecida: O clássico em um ambiente virtual de aprendizagem. In: XXVIII ENCONTRO ANUAL HELENA ANTIPOFF, 2010, Belo Horizonte. **Boletim do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff**. Belo Horizonte: CDPHA, 2010. v.22. p.93–94.

GRUBITS, S. A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 8, n. spe, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso: em 13 maio 2010.

LEWIS, M. **Tratado de Psiquiatria da Infância e adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MALANGA, E. B. Linguagens e pensamento: introdução a uma abordagem interdisciplinar entre a psicopedagogia e a semiologia para a compreensão da construção do pensamento. **Cad. psicopedag.** [online]. v.3, n.6, jun. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492004000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso: em 13 maio 2010.

PETEA, B. L.; MURATA, M. F. Paralisia cerebral: conhecimento das mães sobre o diagnóstico e o impacto deste na dinâmica familiar. **Paidéia**, Ribeirão Preto, vol.10, no.19, Aug./Dec. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2000000200006&lang=pt&tlng=pt>. Acesso em: 30 Nov. 2010.

RODRIGUES, M. R. F. **Nas entrelinhas das histórias**. Belo Horizonte: Lastro, 2004.

SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A. **Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 1584 p.

SOUZA, S. V.; CAMARGO, D.; BULGACOV, Y. L. M.. Expressão da emoção por meio do desenho de uma criança hospitalizada. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 8, n. 1, jun. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso: em 20 maio 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.